

## A TRADIÇÃO DOS HOMENS (2) – MARCOS 7.8: APLICAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

*F. Solano Portela Neto\**

### RESUMO

Este é o segundo artigo de uma série de dois. O primeiro, publicado em *Fides Reformata* XXVII-1 (2022), apresentou uma análise de Marcos 7.1-13, concentrando a atenção na expressão contida no oitavo verso – a *tradição dos homens* – e procurou analisar que “tradição” é essa que recebe tão severa condenação de Jesus. Partindo da análise e considerando o ensino sistemático e progressivo de Jesus, o autor apresentou seis características da tradição condenada: ela (1) faz parte de uma visão religiosa geralmente aceita (ainda que circunscrita a uma determinada comunidade ou região); (2) é destituída de uma base de autoridade real; (3) é proclamada como sendo o único caminho comportamental aceitável; (4) é totalmente vazia quanto a um significado espiritual verdadeiro; (5) desvia-se dos mandamentos de Deus; e (6) contradiz os mandamentos de Deus. Continuando no tratamento desse tema, o presente artigo apresenta aplicações contemporâneas. O autor defende que podemos derivá-las do texto de Marcos, que não tem apenas o objetivo de lançar luz sobre os ensinamentos e peculiaridades dos fariseus, ou de expor ideias místicas protognósticas (o uso que Paulo faz do termo), mas também estabelecer princípios pelos quais é possível e necessário discernir diretrizes atuais que aparentam princípios de justiça ou expressões de piedade, mas que se contra-põem ao ensino das Escrituras. Conclui indicando que a história registra as

---

\* Graduado em Matemática Aplicada (B.A., *Magna Cum Laude*) pelo Shelton College; Mestre em Divindade (M.Div.) pelo Biblical Theological Seminary; *Litterarum Humanarum Doctor* (L.H.D.), pelo Gordon College; respectivamente, de Cape May/Nova Jersey, Hatfield/Pennsylvania e Boston/Massachusetts, nos Estados Unidos. É professor-coordenador de Educação Cristã no CPAJ e foi professor de Teologia Sistemática no Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição, em São Paulo, onde ainda colabora em cursos avulsos.

pressões que a igreja de Cristo tem sofrido em função de vários conjuntos de tradições humanas, procedentes de diferentes fontes. Contemporaneamente elas se revelam como um Novo Humanismo, refletindo a cosmovisão de um universo sem Deus, no qual o homem é o centro. Alerta que a igreja vem capitulando e perdendo os seus diferenciais, na medida em que adota tais tradições e descarta doutrinas basilares da fé cristã.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Catolicismo; Desprezo da lei; Ensino de Jesus; Escribas; Fariseus; Homossexualismo; Humanismo; Judaísmo; Legalismo; Tradição dos homens; Tradição judaica; *Woke*.

### **INTRODUÇÃO**

Em um primeiro artigo sobre este tema<sup>1</sup> abordamos a parte mais técnica da análise do texto, examinando o termo “a tradição dos homens” contido em Marcos 7.8, utilizado por Jesus e inserido no contexto maior dos versos 1-13, onde lemos:

(1) Ora, reuniram-se a Jesus os fariseus e alguns escribas, vindos de Jerusalém. (2) E, vendo que alguns dos discípulos dele comiam pão com as mãos impuras, isto é, por lavar (3) (pois os fariseus e todos os judeus, observando a tradição dos anciãos, não comem sem lavar cuidadosamente as mãos; (4) quando voltam da praça, não comem sem se aspergirem; e há muitas outras coisas que receberam para observar, como a lavagem de copos, jarros e vasos de metal [e camas]), (5) interpelaram-no os fariseus e os escribas: Por que não andam os teus discípulos de conformidade com a tradição dos anciãos, mas comem com as mãos por lavar? (6) Respondeu-lhes: Bem profetizou Isaías a respeito de vós, hipócritas, como está escrito: Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. (7) E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens. (8) Negligenciando o mandamento de Deus, guardais a tradição dos homens. (9) E disse-lhes ainda: Jeitosamente rejeitais o preceito de Deus para guardardes a vossa própria tradição. (10) Pois Moisés disse: Honra a teu pai e a tua mãe; e: Quem maldisser a seu pai ou a sua mãe seja punido de morte [Êx 21.17]. (11) Vós, porém, dizeis: Se um homem disser a seu pai ou a sua mãe: Aquilo que poderias aproveitar de mim é Corbã, isto é, oferta para o Senhor, (12) então, o dispensais de fazer qualquer coisa em favor de seu pai ou de sua mãe, (13) invalidando a palavra de Deus pela vossa própria tradição, que vós mesmos transmitistes; e fazeis muitas outras coisas semelhantes (ARA).

---

<sup>1</sup> PORTELANETO, F. Solano. “A tradição dos homens (1): Marcos 7.8 – análise do texto”. *Fides Reformata*: Vol. XXVII, n. 1, 2022.

Verificamos, na primeira parte daquele artigo, que a prática de costumes judaicos frequentemente atropelava os mandamentos de Deus (7.8), sendo a origem dessas determinações o ensino dos fariseus, que as denominavam “tradição dos anciãos” (7.5), e que Jesus se referiu a elas como “preceitos de homens” (7.7, citando Isaías 29.13) e “vossa própria tradição” (7.13). Da análise do texto extraímos seis características da tradição condenada e aventamos que essa “tradição” é *qualquer* filosofia, conjunto de regras, modelo de pensamento que:

1. Faz parte de uma visão religiosa geralmente aceita (ainda que circunscrita a uma determinada comunidade ou região).
2. É destituída de uma base de autoridade real.
3. É proclamada como sendo o único caminho comportamental aceitável.
4. É totalmente vazia quanto a um significado espiritual verdadeiro.
5. Desvia-se dos mandamentos de Deus.
6. Contradiz os mandamentos de Deus.

Também apontamos que esse relato bíblico não visa tão somente uma explicação do verdadeiro caráter e ensino dos fariseus, ou uma exposição da razão pela qual eles não tinham a semente da verdadeira religião, ou por que eles eram chamados de “atores”, ou hipócritas, por Jesus. Na realidade, além disso, a aplicação transcende esse incidente e agora cabe uma abordagem a aplicações contemporâneas que podem ser extraídas do texto, indicando como ele tem sido entendido na teologia reformada e mostrando alguns exemplos concretos dos nossos dias.

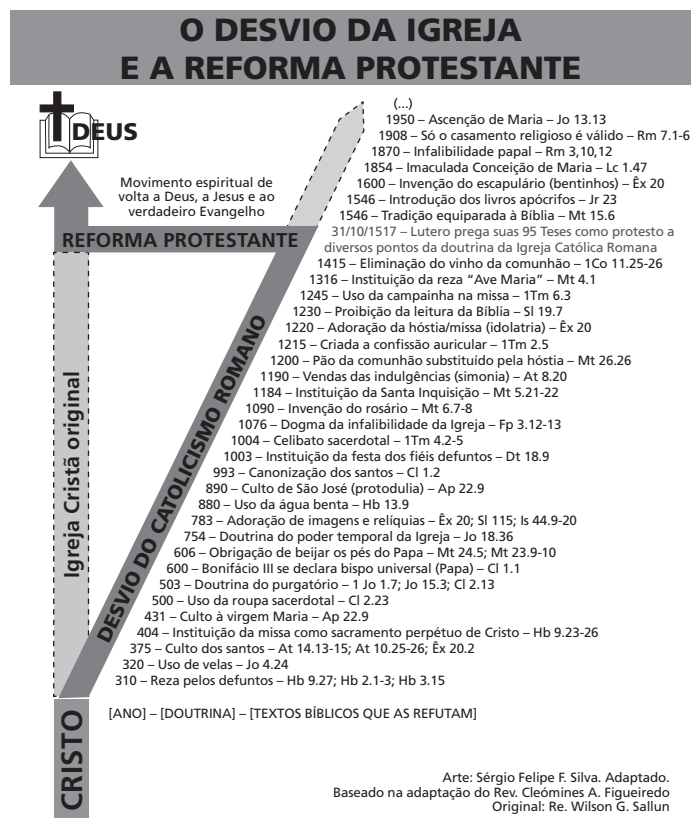
## **1. O ENTENDIMENTO DOS REFORMADORES SOBRE A TRADIÇÃO CONDENADA, E INDO ALÉM**

Já vimos como Paulo, utilizando a mesma terminologia – *tradição dos homens* – condenou a tradição *criptognóstica* na igreja de Colossos (Cl 2.8). A aplicação é diferente daquela feita por Jesus. O nosso Mestre faz referência à religiosidade mecânica, repetitiva e anestésica dos fariseus, enquanto Paulo se contrapõe às especulações cognitivas e místicas que infestariam a verdadeira religiosidade proposicional, desfigurando a adoração ao Deus verdadeiro e distorcendo a obra e sacrifício de Cristo. No entanto, *ambos* mencionam (e condenam) os pensamentos tradicionais meramente humanos que se colocam acima da revelação bíblica e do ensino da sã doutrina.

Os reformadores entenderam a necessidade de aplicar essa condenação, como uma chamada à sobriedade, às questões dos seus dias (elas continuariam a ameaçar a igreja de Cristo por séculos à frente). Eles enxergaram nesta declaração sobre a tradição dos homens proferida por Jesus uma grande condenação de todo formalismo morto, e aplicaram isso às práticas da Igreja Católica Romana. Nesse sentido, escreve Calvino: “Que todas as pessoas considerem, agora, se

esta transgressão não está presente em mais intensidade entre os papistas, do que, anteriormente, entre os judeus”.<sup>2</sup>

Exercitando uma apreciação hermenêutica correta e olhando para trás, para as Escrituras, os reformadores conseguiram identificar as tradições mais intensas, estranhas à Palavra de Deus, que haviam se imiscuído na igreja institucional. Por isso os fiéis foram instruídos corretamente a rejeitar dogmas católicos e a se prenderem exclusivamente às doutrinas expressamente ensinadas na Bíblia – o *Sola Scriptura*! O diagrama abaixo, originalmente elaborado pelo Rev. Wilson G. Sallum,<sup>3</sup> exemplifica resumidamente os acréscimos de tradições humanas promovidos pelo catolicismo romano ao longo dos séculos, bem como o progressivo desvio da exclusividade das Escrituras.



Para uma análise mais acurada, tomemos como exemplo apenas um dos ensinamentos que integram o corpo de dogmas católicos: *a doutrina do purgatório*. A palavra vem do latim *purgare*, que significa limpar, purificar. De acordo com a *Enciclopédia Católica*, trata-se de “um lugar temporário de

<sup>2</sup> CALVINO, João. *Comentário sobre a harmonia dos evangelhos*. Grand Rapids, MI: A.P. & A., 1971, p. 319.

<sup>3</sup> Demais créditos no próprio diagrama.

punição para aqueles que, saindo desta vida pela graça de Deus, não estejam totalmente livres de pecados veniais, ou que não pagaram a satisfação que é devida em função de suas transgressões”.<sup>4</sup> Os reformadores se apressaram a indicar a ausência de base bíblica para esse dogma, classificando-o apropriadamente como “tradição dos homens”, apesar da ênfase que o dogma recebia na pregação da época. Um dos principais embasamentos desse ensino vem de um livro apócrifo, 2Macabeus 12.39-46 (mais especificamente no verso 46), onde Judas Macabeu é descrito como tendo pedido um “sacrifício expiatório para que os mortos fossem livres de suas faltas”.

Menções à crença em uma purificação pós-morte são encontradas na história da igreja desde o primeiro século da era cristã.<sup>5</sup> No entanto, o dogma foi cristalizado e incorporado ao corpo de crenças católico-romanas somente no sexto século pelo papa Gregório Magno (540-604), que escreveu:

Com relação aos pecados menores, temos que acreditar que, antes do Juízo Final, existe um fogo purificador. Aquele que é a verdade diz que qualquer que pronunciar blasfêmia contra o Espírito Santo não será perdoado nem nesta era nem na que há de vir. Considerando essa sentença, entendemos que algumas ofensas podem ser perdoadas nesta era, mas outras na que há de vir.<sup>6</sup>

A evidência do poder destrutivo dessa “tradição dos homens” à vida dos fiéis e da igreja foi percebida pelos reformadores. Na realidade, a suposta existência do purgatório serviu de base para a espúria prática da venda de indulgências – estopim da Reforma do século XVI – e como ponta de lança das Noventa e Cinco Teses de Martinho Lutero. Mas a segregação desse e de outros dogmas, que não são derivados da Palavra de Deus, ao segmento católico romano, não tornou a verdadeira igreja imune a essas pressões e, ao longo dos séculos, muitas práticas católicas vão sutilmente adentrando o campo evangélico. É fácil constatar que famosos autores católicos romanos como John

<sup>4</sup> HERBERMANN, Charles G. (Ed.). *The Catholic Encyclopedia: An International Work of Reference on the Constitution, Doctrine, Discipline, and History of the Catholic Church*. London: Catholic Way Publishing, 2014. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Catholic-Encyclopedia-International-Constitution-Discipline-ebook/dp/B0011M4HLC>. Acesso em: 24 set. 2022. Esse aspecto de “punição” vai desaparecendo ao longo dos anos.

<sup>5</sup> Ver OSEI-BINSU, Robert. “Purgatory: A Study of the Historical Development and Its Compatibility with the Biblical Teaching on the Afterlife”. *Philosophy Study*, 2(4). David Publishing: Wilmington, DE, April 2012, 286-299. Disponível em: [https://www.academia.edu/9873864/Purgatory\\_A\\_Study\\_of\\_the\\_Historical\\_Development\\_and\\_Its\\_Compatibility\\_with\\_the\\_Biblical\\_Teaching\\_on\\_the\\_Afterlife](https://www.academia.edu/9873864/Purgatory_A_Study_of_the_Historical_Development_and_Its_Compatibility_with_the_Biblical_Teaching_on_the_Afterlife). Acesso em: 28 dez. 2022.

<sup>6</sup> Papa Gregório. Diálogos (*Dialogi*) – coleção de quatro livros relatando milagres, sinais, maravilhas e curas realizadas por “homens santos” do século sexto, na Itália, em forma de um diálogo com um diácono, chamado Pedro. Ver MEYVAERT, Paul. “The Authentic Dialogues of Gregory the Great”. *Sacris Erudiri* (2004).

Henry Newman (1801-1890) ou Brennan Manning (1934-2013) são publicados por editoras evangélicas e consumidos avidamente por leitores evangélicos. Newman defendeu a doutrina do purgatório mesmo antes de sua “conversão” do anglicanismo para o catolicismo. Manning passou boa parte de sua vida e experiências fazendo parte de uma ordem católica francesa. Assim, ainda exercendo um certo fascínio com sua proclamação de ser a “igreja original” (ou “igreja histórica”) e com sua liturgia rebuscada (fazendo contraponto ao “vale tudo” do evangelicalismo contemporâneo), o catolicismo romano faz seus avanços dentro do campo evangélico, especialmente entre alguns jovens.

A igreja fiel não deve parar apenas nessas avaliações do catolicismo romano, pois existem outras correntes hodiernas que ameaçam o campo evangélico. É verdade que parece que muitos pastores derivam do ensino bíblico *contra* as “tradições dos homens” somente essas três aplicações do texto de Marcos 7.8: (1) uma exposição do judaísmo espiritualmente moribundo (Jesus); (2) uma condenação de enlevos místicos imaginários e espiritualmente inúteis (Paulo); e (3) uma condenação de qualquer liturgia morta e sem valor intrínseco, com dogmas extrabíblicos (reformadores). Por vezes, aplica-se essa condenação à própria igreja fiel, numa tentativa de “acordar” segmentos da igreja de Cristo para que não se prendam a formas litúrgicas meramente repetitivas que pavimentam o caminho para uma ortodoxia morta. Esse é um lembrete nobre e necessário, mas temos que ir além e procurar aplicações mais relevantes para a época que o evangelicalismo atravessa, neste século XXI.

## 2. EXEMPLOS CONTEMPORÂNEOS DE TRADIÇÕES CONDENADAS

Pensadores cristãos contemporâneos têm repetidamente apontado que vivemos em uma era pós-cristã.<sup>7</sup> Não somente isso, mas inimigos da fé cristã têm declarado esse descolamento das bases de uma civilização judaico-cristã, incluindo expressões de satisfação com o abandono de alicerces que ainda mantêm a sociedade ocidental coesa. Entre esses temos os chamados teólogos da “morte de Deus”.<sup>8</sup> Eles, surpreendentemente de linhagem protestante, se escudaram na declaração de Nietzsche no século XIX (“Deus está morto!”) para criar uma narrativa de que Deus operou sua própria morte, para concentrar sua mensagem em Cristo – um óbvio desvio da revelação bíblica sobre o Deus Trino.

<sup>7</sup> Ver VEITH JR., Gene Edward. *Post-Christian: A Guide to Contemporary Thought and Culture*. Wheaton, IL: Crossway, 2020.

<sup>8</sup> Ver VAHANIAN, Gabriel. *The Death of God: The Culture of the post-Christian Era*. New York: Braziller, 1961; ALTIZER, Thomas J. J.; HAMILTON, W. *A morte de Deus: introdução à teologia radical*. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

Com esse pano de fundo, pavimentando a rejeição do texto bíblico, testemunhamos o surgimento há algumas décadas de substitutos para a verdadeira religiosidade, em diversas áreas. Tais proposições e construtos, supostamente criativos e de vanguarda, já se estabeleceram no campo eclesial e social e fazem jus à designação de “tradições de homens”, também conhecidas como *teorias críticas contemporâneas*.

Dentro da área de ativismo social, tivemos no catolicismo romano a Teologia da Libertação<sup>9</sup> e, no campo evangélico, mais recentemente, a Teologia Pública<sup>10</sup> – sua contrapartida protestante. Em paralelo, ainda no campo liberal, a Teologia da Missão Integral – TMI, propondo dirigir-se ao homem na sua integralidade (corpo e alma), concentra-se igualmente no ativismo social, reduzindo o transcendente a uma mera figura retórica distante do conceito tradicional reformado.<sup>11</sup>

Sob o guarda-chuva do meio-ambientalismo, observamos vozes que prestam verdadeira devoção à ecologia, com todas as suas nuances místicas. Não estamos tratando do cuidar da criação, dever de todo cristão, mas da religiosidade mística do meio-ambientalismo contemporâneo, com suas raízes orientais, personificação e culto à Terra, e posturas afins. A religiosidade do movimento e o seu dogmatismo têm sido contestados até por meio-ambientalistas “raízes”, como é o caso de James Lovelock, o criador da hipótese *Gaia* (a Terra como um ente dotado de inteligência e autorregulação), que voltou atrás em 2014 em algumas de suas proposições assertivas.<sup>12</sup>

As diferentes nuances do pensamento contemporâneo, que já criaram raízes na abordagem de assuntos cruciais à vida e ao entendimento do mundo,

<sup>9</sup> Surpreendentemente surgida no campo luterano, em 1964, com Jürgen Moltmann, que “descolou” a teologia do seu aspecto transcendente, para enfatizar sua imanência. MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da esperança*. São Paulo: Edições Loyola, 2005. Para mais informações, ver: PORTELA NETO, F. Solano. “Desconstrução e reconstrução: o pós-modernismo, da Teologia da Esperança à Teologia da Nova Era, e seus reflexos no campo educacional”. *Fides Reformata*, XXVI-1, 2021, p. 34.

<sup>10</sup> Apresentada como sendo apenas uma forma de teologia prática, dedica-se ao exame e prescrições relacionados com os problemas da sociedade – portanto visa a área pública. Essa tem sido a vertente mais comum de trabalhos teológicos e grupos de estudos nas Pontifícias Universidades Católicas (PUCs) e nas Escolas Superiores de Teologia (ESTs), presentes com maior intensidade entre os luteranos liberais (IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil). Estes devem ser distinguidos do braço mais conservador do luteranismo no Brasil, a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB). Para maiores informações sobre Teologia Pública, consultar: <https://teologiapublica.net/>. Acesso em: 28 dez. 2022.

<sup>11</sup> Para maiores informações sobre a TMI, sugiro assistir ao excelente vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=081e-9OFyoI>. Acesso em: 28 dez. 2022.

<sup>12</sup> VAUGHAN, Adam. “James Lovelock. Environmentalism has become a religion”. *The Guardian*, 30.03.2014. Disponível em: <https://www.theguardian.com/environment/2014/mar/30/james-lovelock-environmentalism-religion>. Acesso em: 29 dez. 2022.

além das duas acima mencionadas, são inúmeras. Como as narrativas *woke*,<sup>13</sup> com suas introjeções de culpa (*guilt trips*) intencionando o direcionamento da sociedade a uma posição genuflecta, na qual as diferenças raciais são aprofundadas, e não aplainadas, e a redenção se equaliza a incontáveis pedidos de desculpas, quando não retratações monetárias pelas assim chamadas “opressões” do passado, ou a política de gênero, com as distorções da estrutura da criação legitimando o exercício da sexualidade em situações condenáveis pela ética cristã, promovendo o aborto e incentivando a sexualidade precoce.

Aparentemente são formas de pensar que se materializam em tradições isoladas uma das outras, com origens independentes. Mas existem várias conexões entre elas. Os meio-ambientalistas defendem que o aborto é uma solução para a autopostulada superpopulação da humanidade, que causa danos à ecologia, ou que a prática institucionalizada é uma questão de saúde pública, na qual a vida ou morte do feto é destituída de ética intrínseca. Nisso concordam os ativistas sociais, que se preocupam com o bem-estar da mulher (futura mãe, revertida), mas descartam direitos aos “ainda por nascer”. Ambos procuram suprimir vozes discordantes, no meio acadêmico, submetendo-as ao ridículo ou à simples rejeição de propostas alternativas sem o devido exame do mérito.

Além do ponto comum de hostilidade a pilares da fé cristã, que une essas estruturas de pensamento, existe uma outra maneira de entender essa conexão. O mestre e doutorando Rafael Gomes, em sua brilhante monografia, chama atenção para “os conceitos que unificam as teorias críticas contemporâneas” e que “permitem que as narrativas particulares de grupos identitários sejam entrelaçadas para compor uma narrativa totalizante”.<sup>14</sup> Fazendo referência

<sup>13</sup> Na década de 1970, nos Estados Unidos, alguns acadêmicos americanos começaram a perceber a forma peculiar de comunicação e pronúncia utilizada pela comunidade afro-americana, especialmente nas grandes cidades. Em certos casos as diferenças do inglês coloquial eram grandes o suficiente para garantir a designação como uma nova língua ou dialeto – o *Ebonics*. Essa abordagem foi transformada em um livro editado e co-escrito por Robert Williams – *Ebonics: The true language of black folks* (St. Louis, MO: Institute of Black Studies, 1975). *Woke* é uma maneira de dizer, em *Ebonics*, *Awake!* ou *Wake-up!* ou *Stay awake!*, que remete a “Esteja alerta” (*Stay woke*)! Essa é uma expressão utilizada em folhetos, camisetas e faixas de protesto na América do Norte e em alguns países africanos neste século XXI e que integra a chamada *teoria crítica*. *Woke* tem tido grande influência na mente ocidental, especialmente em jovens envolvidos em movimentos supostamente antirracistas, ou em defesa da cultura negra. O movimento tem levado ao “cancelamento da cultura”, situação em que pessoas de persuasão contrária são bloqueadas não somente de mídias sociais e outros contatos e diversas interações sociais, mas até impedidas do exercício de suas profissões. O movimento *Woke* também encoraja o desenvolvimento de sentimentos de culpa (*guilt trips*), objetivando a compensação de injustiças sociais, discriminação ou violência racial, quer tenha sido cometida pela pessoa ou instituição que efetiva a compensação, ou por alguma pessoa ou estrutura remotamente conectada a ela, em gerações passadas.

<sup>14</sup> GOMES, Rafael Charles Heringer. “Teorias críticas contemporâneas como uma cosmovisão: tensões com a cosmovisão cristã reformada”. Monografia de conclusão, Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, junho de 2022, p. 27 (disponível na biblioteca do CPAJ).



aos autores Lindsay e Nayna, Gomes descreve a conexão que liga todas essas vertentes de pensamento e que as torna uma cosmovisão autossustentável:

James Lindsay e Mike Nayna descrevem os valores morais das teorias críticas contemporâneas como gerando uma tribo moral, ou seja, uma “comunidade moral ideologicamente motivada”, na qual há uma vinculação de seus valores a uma ideologia dogmática. Os autores ressaltam duas características dessa comunidade moral. A primeira é a presença de um arcabouço linguístico e simbólico que permite que seus membros sinalizem uns aos outros sua fidelidade aos valores morais. Esse comportamento tem sido chamado de sinalização de virtude. A segunda é o convencionalismo ideológico, definido como “a tendência de crer que um quadro moral (ideológico) é e deveria ser convencional, ou seja, algo que todas as pessoas que merecem ser chamadas de ‘boas’ deveriam sustentar”. Para Lindsay e Nayna, o policiamento interno (dos próprios membros da comunidade) e externo (no fenômeno do cancelamento) são produtos desse convencionalismo.<sup>15</sup>

Nesse sentido, observando o pensamento contemporâneo de várias vertentes alinhando-se em uma só compreensão, influenciando multidões e pressionando tanto a sociedade como a igreja é que não hesitamos em registrar que estamos perante um novo corpo de “tradições dos homens”, como já definimos. Portanto, é perfeitamente legítimo aplicar ao contexto presente o que a Bíblia diz sobre essas tradições condenáveis. Isso sem descartar as aplicações históricas e ainda igualmente válidas: a religião derivada do judaísmo, o misticismo especulativo e as adições católicas romanas ao corpo de doutrinas eclesiásticas. A ameaça é grande, o aprendizado do diálogo é necessário, ainda que, com firmeza, não se comprometam as verdades bíblicas (evitando a capitulação, já observada, de segmentos eclesiásticos), como aponta Gomes:

A crescente unidade e o alcance popular das teorias críticas contemporâneas nos induz à possibilidade delas estarem gerando uma nova cosmovisão pública. Um olhar para as práticas discursivas da mídia e da política na última década nos mostra que o pensamento de caráter identitário já faz parte da estrutura de plausibilidade mais ampla da sociedade ocidental. Ainda há muitos círculos culturais que resistem à nova visão, mas esses círculos têm precisado ao menos aprender a dialogar com ela.<sup>16</sup>

Semelhantemente ao que fizemos com o enquadramento de dogmas do catolicismo romano nas “tradições dos homens”, precisamos escolher uma das

<sup>15</sup> LINDSAY, James; NAYNA, Mike. *Postmodern Religion and the Faith of Social Justice*. 2020. Disponível em: <https://newdiscourses.com/2020/06/postmodern-religion-faith-social-justice/#A002>. Acesso em: 21 out. 2022 (citados por GOMES, “Teorias críticas contemporâneas”, p. 27).

<sup>16</sup> *Ibid.*, p. 30.

vertentes dessa “sopa mística” da teologia crítica como ponto de controle dessa nova tradição, que está desviando crentes e a igreja para fora dos caminhos traçados pelas Escrituras. E essa vertente escolhida é a questão do exercício da sexualidade, ou ideologia de gênero, como vista pela sociedade e no campo eclesiástico – liberal ou, até então, conservador.

Tomemos como exemplo a Christian Reformed Church, denominação norte-americana outrora conservadora (e que ainda é aceita majoritariamente como tal). Ela vem adotando uma ideologia de gênero a cada passo mais compatível com a “tradição dos homens”. O ponto fundamental foi a aceitação (desde o Sínodo de 1973) de que a atração por pessoas do mesmo sexo (SSA)<sup>17</sup> não devia ser condenada. Na sequência, houve a adoção de uma política de aceitação de homossexuais na vida e nos ofícios da denominação (Sínodo de 1999), “desde que demonstrassem uma vida de celibato”, não concretizando essa “atração”. Em 2016, no que aparentava ser uma guinada conservadora, o Sínodo Geral concluiu que os membros que vivem em união homossexual (“casamento com pessoa do mesmo sexo” ou SSM)<sup>18</sup> eram passíveis de disciplina.<sup>19</sup> No entanto, quando se escolhe a tradição dos homens, o politicamente correto, é extremamente difícil reverter o curso tomado. Atualmente, pelo menos uma congregação já elegeu um oficial que claramente se encontra em relação carnal com pessoa do mesmo sexo.<sup>20</sup> Este é o caso da Neland Avenue Christian Reformed Church, de Grand Rapids, Michigan. A desculpa para a ordenação discrepante das diretrizes sinodais e das Escrituras foi descrita em uma carta à congregação, onde a igreja expressa a esperança de que a denominação consiga administrar esses diferentes pontos de vista, como já fez com a aceitação da ordenação feminina.<sup>21</sup>

Essa aceitação, gerada por pressões sociológicas, da homossexualidade como um estilo de vida aceitável, senão até superior, está ocorrendo, como demonstramos, em denominações que eram consideradas conservadoras e que preservam a revelação bíblica como guia infalível de verdades eternas. A argumentação é que a igreja precisa ser relevante às situações atuais e abandonar modelos meramente tradicionais. Mas qual a origem dessa nova

<sup>17</sup> *Same Sex Attraction*. Vide a posição oficial da denominação sobre essas questões em: <https://www.crcna.org/welcome/beliefs/position-statements/homosexuality>, acessado em 29.12.2022.

<sup>18</sup> “Same Sex Marriage”. Ver KNOT, Juliana. “Local CRC appoints deacon who is in same-sex marriage”. Reportagem de 10.09.2020 do site CHIMES, disponível em: <https://calvinchimes.org/2020/09/10/local-crc-appoints-deacon-who-is-in-same-sex-marriage/>. Acesso em 29 dez. 2022.

<sup>19</sup> Procurando estabelecer um limite, o documento afirma literalmente: “Entretanto, o homossexualismo (isto é, a prática homossexual explícita) é incompatível com a obediência à vontade de Deus, revelada na Escritura” (nota 17).

<sup>20</sup> KNOT, “Local CRC”.

<sup>21</sup> Ibid.

postura e abordagem à questão do relacionamento entre pessoas do mesmo sexo? Podemos atribuir isso a um estudo mais detalhado e aprofundado das Escrituras? A uma exegese mais precisa? A resposta é não.

Procuremos enquadrar essa prescrição para o modo de vida das pessoas nos seis pontos que definem a “tradição dos homens”, os quais apresentamos desde a primeira parte deste artigo. A aceitação contemporânea da homossexualidade, revertendo séculos de rejeição:

1. Faz parte de uma visão religiosa – o Novo Humanismo, que coloca o homem no centro e aplica às proposições uma lealdade cültica, dogmática, sem que haja preocupação com uma exposição lógica da crença. Nessa visão, qualquer expressão de sexualidade é válida. Se a sociedade concorda que a relações homossexuais são aceitáveis, os cristãos não têm nenhum direito de emitir opinião contrária.
2. É destituída de uma base de autoridade real – como o transcendente não é genericamente aceito pela sociedade, não existem verdades absolutas e a Palavra de Deus não possui propriedade normativa, sendo apenas uma coletânea interessante de escritos antigos. Sem a âncora definidora do que é certo e errado – a Palavra de Deus, qualquer postura comportamental é estabelecida subjetivamente e deve ser acatada.
3. É proclamada como sendo o único caminho comportamental aceitável – se “todos” estão aceitando e elevando o homossexualismo a uma posição de naturalidade, por que não a igreja? O caminho é determinado sociologicamente e essa compreensão é a única posição “politicamente correta”.
4. É totalmente vazia quanto a um significado espiritual verdadeiro – que contribuição espiritual pode ser trazida às igrejas com o recebimento de pessoas com comportamento condenável pelas Escrituras, sem a mudança de vida exigida pela conversão?
5. Desvia-se dos mandamentos de Deus – o Senhor preparou um caminho correto para a expressão sexual da humanidade, mas a homossexualidade é um desvio desse caminho traçado por Deus e da própria anatomia da criação. Mesmo sendo um desvio das diretrizes divinas, de que o relacionamento sexual deve ser entre um homem e uma mulher, a pressão para a aceitação desse caminho pelos evangélicos, e a capitulação de muitos, é assustadora.
6. Contradiz os mandamentos de Deus – o pecado é uma realidade e uma proposição revelada, experimentada e teologicamente explicada, constituindo-se em transgressão da lei de Deus. A homossexualidade não somente é um desvio do plano de Deus, mas é bíblicamente caracterizada como pecado – como impiedade, perversão, injustiça e insensatez (Rm 1.18-22).<sup>22</sup> A abordagem correta dessa situação, pelas igrejas, não seria a aceitação do pecado, mas o reparo do coração pecaminoso pela pregação do evangelho, proclamando a salvação existente na pessoa de Cristo Jesus, pelo poder regenerador do Espírito Santo.

<sup>22</sup> Ver também Levítico 18.22; 20.13; 1Coríntios 6.9-11; 1Timóteo 1.10.

### 3. PENSAMENTOS FINAIS

Escolhemos um exemplo nas áreas específicas nas quais cristãos e igrejas estão mudando o posicionamento histórico. Mas os exemplos poderiam ser multiplicados, indo além das questões sociológicas já mencionadas, tais como a *nova hermenêutica na interpretação das Escrituras*, na qual o contexto mutável é dominante sobre o conteúdo; o *questionamento da inspiração ou infalibilidade da Bíblia*, e o *abandono das diretrizes bíblicas sobre a estrutura de liderança eclesiástica*, estabelecida em 1 Timóteo 3.1-7 e Tito 1.5-9, com o abrigo da ordenação feminina ao oficialato. Todas essas movimentações são proclamadas como sendo uma quebra com o tradicionalismo morto das igrejas, ou da teologia “ultrapassada” da Reforma, mas é evidente que o fenômeno é de uma reversão de fundamentos bíblicos e do caminhar cristão para meras tradições dos homens. Essa aceitação, de tradição em cima de tradição, segue uma progressão crescente que se afasta a cada momento da estrutura definida por Deus para toda a humanidade.

Certamente estamos numa era na qual a moldura do pensamento, que foi derivada de princípios bíblicos e cristãos, não é mais seguida. Mesmo para os que conseguem enxergar o caos sociológico em que vivemos, os cristãos são considerados o problema e não parte da solução. Países que se estabeleceram e se desenvolveram na história exatamente por se fundamentarem em princípios e valores imutáveis, que Deus criou para o bem da humanidade, se encontram atualmente na vanguarda da contestação desses mesmos valores. As pessoas são, entretanto, seres religiosos – como consequência de sua criação à imagem e semelhança de Deus. Não é de espantar que, na religiosidade das pessoas sem Deus, os princípios que emanam dele sejam substituídos por qualquer outra forma cültica ou religiosa (bem identificada em Romanos 1). Em nossa atualidade, principalmente, o mundo ocidental se entrega a esse corpo de *tradições dos homens* que bem poderia ser chamado de um *Novo Humanismo*. Essa nova religião ocupa posição de preeminência e tem as seis diferentes vertentes que já indicamos. O objetivo final dos devaneios filosófico-religiosos é a entronização do homem-deus por uma sociedade insensível ao fato de que labora na própria extinção de seu frágil arcabouço social.

A cosmovisão desse Novo Humanismo, mesmo que não se apresente de forma coerentemente articulada, contém as características da tradição humana retratada em Marcos 7.1-13. O enquadramento é sutil, mas deve nos levar à rejeição ordenada por Jesus Cristo e por Paulo, conforme os relatos bíblicos, como também foram descartadas as adições incorporadas às formulações religiosas e práticas do catolicismo romano pelo crivo da história e pela providência divina, na Reforma do século XVI.

Qual o problema específico contemporâneo que o remanescente fiel da igreja de Cristo confronta com relação a isso? Afinal, o pensamento do mundo

não foi sempre hostil ao evangelho? A questão é que, em nossos dias, em vez de todas as igrejas serem polos de resistência, observamos em algumas delas a reversão da posição histórica para uma nova abordagem, na qual a absorção de pontos fundamentais desse Novo Humanismo forma uma nova tradição humana com penetração eclesiástica, enquanto, paradoxalmente, declaram que estão lutando contra o tradicionalismo dos que procuram fidelidade às Escrituras. Entretanto, caem no próprio termo – tradicionalismo – que professam combater, pois já firmaram ou engrossaram uma nova *tradição dos homens*.

Portanto, mesmo que as contemporâneas *tradições dos homens* venham a diferir daquelas apontadas por Jesus e Paulo, elas preservam as mesmas características que levaram à condenação das anteriores. O mais importante em toda essa análise é que a igreja de Cristo preserve a verdadeira tradição de autoridade que emana da Bíblia e da doutrina dos apóstolos, pois essa procede de Deus. Para isso é necessário que rejeitem o “caminhar de todo o mundo”, o “espírito dessa era”, o Novo Humanismo – que alija Deus e nada tem a contribuir à causa do evangelho. As *tradições dos homens* permanecerão sob a ira e condenação de Deus – não somente contra os que as praticam, mas também contra os que com elas consentem, como nos instrui Romanos 1.32 (“... não somente as fazem, mas também aprovam os que assim procedem”) e Efésios 5.11 (“E não sejais cúmplices nas obras infrutíferas das trevas; antes, porém, reprovai-as”).

### ABSTRACT

This is the second article in a series of two. The first one was published in *Fides Reformata*, Vol. XXVII, No. 1 (2022), and presented an analysis of Mark 7:1-13, focusing attention on the term contained in the eighth verse – “the tradition of men” – and seeking to discern what is this “tradition” that receives such severe condemnation from Jesus. Departing from this analysis, and considering the systematic and progressive teaching of Jesus, the author presented six characteristics of the condemned tradition: (1) It is part of a generally accepted religious view (even if still limited to a certain community or region); (2) It lacks a real authoritative basis; (3) It is proclaimed as the only acceptable behavioral path; (4) It is utterly devoid of true spiritual meaning; (5) It deviates from God’s commandments; and (6) It contradicts God’s commandments. The current article continues the treatment of this theme and presents contemporary applications. The author argues that we can derive them from the text in Mark, which was intended not only to bring light to the teachings and peculiarities of the Pharisees, or to expound proto-Gnostic mystical ideas (Paul’s usage of the term), but also to establish principles by which one can and should discern current directives that purport to be principles of justice or expressions of piety, but that run counter to the teaching of Scripture. He concludes by indicating that history records the pressures that the church of

Christ suffers due to various sets of human traditions proceeding from different sources. At the same time, they reveal themselves as a New Humanism, reflecting the worldview of a universe without God, in which man is the center. He warns that the church has been capitulating and losing its differentials, as it adopts such traditions and discards basic doctrines of the Christian faith.

**KEYWORDS**

Catholicism; Contempt of the law; Homosexuality; Humanism; Jewish tradition; Judaism; Legalism; Pharisees; Scribes; Teaching of Jesus; Tradition of men; Woke.